

ALGUMAS OBSERVAÇÕES
ACÊRCA DA INFLUÊNCIA DO INGLÊS
NO PORTUGUÊS E DO MAIOR VEÍCULO DELA
— O FRANCÊS

(Cont. do n.º 3, pag. 315)

Cabe notar ainda duas coisas mais no campo destas reduções vocabulares à inicial:

Primeira: Que há em uso no português, e lidas como palavras, formas acrossémicas, provindas directamente dos próprios termos ingleses. Tal o caso de *cif*, muito usado na língua comercial em expressões do tipo — *tal mercadoria custa tanto «cif» Tejo*, e que representa os três vocábulos britânicos — *cost, insurance, freight*.

Segunda: Que tais abreviações nem sempre têm como intuito a economia de tempo, tão característica do povo do *time is money*: às vezes há na abreviação desse tipo intuito meramente eufémico.

Em W-C., lidas as iniciais de *water-closet*, com o seu valor no alfabeto inglês, há efectivamente um anglicismo — mas que está, na expressão reduzida, que não no fenómeno de redução, que já era conhecido de outras línguas para fins atenuadores. *Water-closet*, estando, como eufemismo de decência que é, sujeito ao fácil conspurco do contágio da idea da coisa suja que vela, foi naturalmente atenuado por novo tapume eufémico: e a abreviação, na forma de redução vocabular ao fonema inicial, foi o empregado aqui, como é o utilizado em português em expressões aliás de formação es-

pontânea, como : *ter um t na testa e passe à letra f*, em que as iniciais *t* e *f* velam respectivamente o nome agressivo ou desapiedado — *tolo* e o verbo rascante designador do acto sexual.

É, como as expressões anteriores, além de formação nacional espontânea, também eufemismo, a expressão — *apanhar um R*, em que esta líquida é inicial da palavra — *reprovação*.

Recorto o seguinte passo do artigo — *O francesismo*, das *Últimas páginas*, de Eça de Queirós, em que esta atenuação se encontra :

«Duvida pavorosa, primeiro tormento d'alma em que só antevia uma coisa certa, inevitavel: — o *R*, a *raposa*» (1).

Com intuitos eufémicos e contra-eufémicos inda se emprega um sistema de algum modo paralelo — em que já não há coisa alguma de ânglico — e que consiste em representar por um pequeno número de sinais gráficos palavras que soam pròximamente como aqueles, lidos seqüentemente.

Tais os casos de E-B-Q, que servia para designar veladamente em França, durante a guerra maior, o embuscado — *embusqué*, ou o de K-H-I, de que se faz em Portugal largo uso num género de literatura muito nosso definidor — a literatura carnavalesca.

Participando dos sistemas da abreviação e do eufemismo há inda certas designações por iniciais — que, tendo também porventura já pouco de anglo-saxão, se desenvolveram no entanto com facilidade no ambiente preparado pelos hábitos lingüísticos daquele povo: tal o caso do seguinte grupo de iniciais — L-P-Q-F-L-T-D-A que os soldados franceses da grande guerra empregaram para designar, a um tempo abreviada e crípticamente, *le pante qui fume le tabac des autres*, ou seja em calão português, o fumador da *fábrica de «se m'o dão»*.

(1) Pôrto, 1912, pág. 473.

Convém notar que estas abreviações existem hoje por toda a parte. Em Genebra, por exemplo, ouvi sempre, no verão de 1926, designar a Sociedade das Nações — *Société des nations*, por *S-D-N*. A guerra é que desenvolveu ainda mais o gosto das denominações abreviadas, como notou o académico Roberto de Flers, num discurso intitulado — *La langue française et la guerre*:

«Sans doute, en des jours où l'action primait la parole et où il convenait d'aller au plus bref, nous avons été menacés par certains usages assez singuliers: celui, entre autres, de remplacer les mots par leurs initiales. Il était à craindre que cette habitude ne passât dans la pratique courante, personne n'ignorant plus ce que désignait G. V. C, ou un R. A. T. Si l'emploi de telles abreviations se fût propagé dans d'autres domaines, je vous en demande pardon, messieurs, mais il est probable qu'aujourd'hui un membre de l'Institut de France ne serait plus qu'un I. F. Aussi bien cette méthode de simplification est-elle toute militaire et l'on en trouve dans le passé des exemples auxquels nous ne prêtons plus attention et qui pourtant ont pris place dans le dictionnaire» (1).

Outra observação há ainda a fazer quanto às reduções a iniciais de tipo anglo-saxónico — e é ela a de que produzem derivados. Assim C-G-T, ou seja Confederação Geral do Trabalho, provocou a formação *cegetista*, corrente já nos jornais. Porém, o francês dizendo também *cégétiste*, deve, como em tantos outros casos, ser o directo responsável do aparecimento da forma portuguesa. A língua francesa tem ainda outros derivados de iniciais absolutamente correntes; tais como *técéfiste*, de T-C-F, *Touring-Club Français* e *erpéiste*, de R-P, *Représentation proportionnelle*.

O fenómeno da derivação de iniciais tem outras modalidades. Uma são as formações do tipo *C-E-P lândia*, vocábulo

(1) Em Mário Barreto, *ob. cit.*, pág. 223.

do calão erudito do Corpo Expedicionário Português — e em que se reúnem dois anglicismos, o das iniciais e o vocábulo *land*, aportuguesado em *lândia*, que é forma moderna e visível em *Groenlândia*, *Finlândia*, e não em *landa*, que é forma antiga, visível em *Irlanda*, *Holanda*. A antigüidade da forma *landa* incúlca-no-la de algum modo Camões, que no seguinte verso do canto sétimo dos *Lusiadas* chamou Gelanda à terra que hoje denominamos *Zelândia*:

E desda fria plaga de Gelanda ⁽¹⁾

Este termo — *lândia*, que significa terra — confronte-se para facilmente o ver *England* com Inglaterra — está entre nós desempenhando um papel sufixal muito importante: a cada passo surgem formações em que êle entra, mais ou menos pitorescas ou graciosas — *Matutolândia*, *Cuculândia*. No *Jornal de Tábua* vejo freqüentemente designar o país pela *Patuscolândia*.

Somos os primeiros a notar que ainda outros aspectos do problema da influência ânglica no português seria curioso focar — e só não dizemos estudar profundamente, porque o intuito dêste trabalho não é uma investigação intensa mas extensa.

Cinco dêles:

Primeiro: — Seria útil fazer o agrupamento dos anglicismos segundo a sua ordem de entrada na língua. A investigação da cronologia das importações tem o maior alcance filológico, histórico e etnopsicológico. É curioso notar, por exemplo, que *esterlina* é palavra antiga no português, se bem que não tanto de certo como o é no francês, onde aparece já

(1) Est. 61.

neste passo do *Saint-Thomas*, do poeta Garnier de Pont-Sainte-Maxence:

«De trente mille livres d'esterlins en deners» (1).

Segundo: — Seria geralmente útil fazer-se um dia estudo à parte das palavras anglo-americanas — principalmente relativas à vida pitoresca dos prados de pastoreação — caso de *cow-boy* — e aos usos das grandes cidades — caso de *skyscraper*. Um dos anglo-americanismos mais correntios é o designador do próprio povo da grande república dos Estados Unidos — *Yankee*, que talvez seja uma adaptação pele-vermelha do termo *english*.

Terceiro: — Seria inda útil escalar as várias formas ânglicas importadas segundo o seu vigor ou uso no português. Ao lado de inglesismos de emprêgo constante e geral, como *oxforde* e *foot-ball*, há anglicismos inertes e sem circulação, como *tailor* e *hairdresser*, que se põem nas taboletas das alfaiatarias e das barbearias só com o objectivo de dar ar aristocrático aos respectivos estabelecimentos. Também os há moribundos — e na língua comum, como no próprio calão: tal o caso respectivamente de *bispote* e de *guines* — êste termo provindo de *guinee*, moeda inglesa.

Quarto: — Seria finalmente curioso fazer a história do combate dos puristas contra o anglicismo e o balanço dos resultados das suas censuras sôbre os escritores. Nestes mesmos há por vezes alusão aos reparos críticos daquêles. Um exemplo está em Garrett — que assim se refere às censuras feitas a um verbo seu tão querido — *desapontar*, no seguinte passo do *Arco de Sant'Ana*:

«Mas, frustrada, por não dizer desapontada, já que tanto m'o criticam, ficará a esperança do amavel leitor» (2).

(1) *Larousse mensuel*, n.º 159, 1920. — Artigo *Anglicismes*.

(2) Lisboa, 1904, I, pág. 33.

Podia notar-se, como parêntese aliás curioso, que esta transigência do autor com o purismo não era, no que respeita à família vocabular a que pertence *desapontar*, de-certo feita de muito bom grado. No prefácio da *Lírica de João Mínimo* Garrett declara que *desapontamento* tem virtudes expressivas, que faltam aos vocábulos semânticamente correspondentes, não apenas do português, mas de tôdas as outras línguas:

«Desapontamento — desapontamento inglês — que não ha outra palavra em lingua nenhuma que expresse o que eu senti — desapontamento tão triste e tão agudo, nunca o pro-vei» (1).

Quinto: — Também teria interêsse fazer a proporção entre o anglicismo no português e nas demais línguas românicas.

Embora tenham vindo para o nosso idioma bastantes formas anglicanas, a verdade é que elles são cá em menor número que noutras românicas, como, por exemplo, o francês. E natural é que assim seja, visto que sendo esta língua a intermediária entre o inglês e o português, é a mais directamente atingida pelas formas ânglicas, que aliás não transmite também aos outros países na sua totalidade. Há importações ânglicas no francês que não estão representadas em português — tal o caso de nomes como *drinc* — bebida, e *budget*, orçamento, ou de verbos como *stopper* parar, e *forstaller*, comprar as coisas antes delas irem ao mercado.

E ficam assim postos em relêvo os aspectos essenciaes que apresenta a influência da língua inglesa sôbre a portuguesa, — que aliás não é somenos, a-pesar-de nos chegar já bastante coada pela língua francesa, que é o seu veículo maior.

Outras observações seria possível fazer ainda e algumas

(1) Lisboa, 1904, I, pág. 18.

não sem curiosidade. Assim, através de palavras anglicanas dispensáveis como *conforto* — vernaculamente cómodo ou conchego, *turista*, vernaculamente forasteiro, *senobe*, vernaculamente janota, *esportemane*, vernaculamente desportista, e de termos ingleses necessários porque traduzem ideas ou coisas que não tínhamos como *estoque*, de *stock* e *doca*, de *dock*, é possível visionar o modo de ser do povo inglês — a sua preocupação de bem-estar material, de viajar e de dar o tom da fina elegância, bem como o seu gosto da actividade desportiva e ainda a fecundidade formidável da sua produção industrial e a opulência sem par da sua navegação e marinha.

Há então certos vocábulos particularmente fotográficos da psicologia inglesa. São logo três dêles os seguintes: *business*, *struggle* (êste eclipse de *struggle for life*) *money*, os dois primeiros usados entre nós intactos, o último empregue em calão sob a forma de *moni*, em que se contém, de uma parte, tôda a intensíssima actividade dos negócios e da vida, que o inglês — aliás calmamente — executa no mundo inteiro, e da outra parte o objectivo immediato dessa actividade — amealhar dinheiro seja como fôr, para criar novos produtos e melhorar as formas da produção.

É curiosa também a tipossemia *bife* — com que se designa familiarmente o inglês. Ouve-se a cada passo em Lisboa — *vestir à bife*, *ter ares bifes*, *parecer um bife*. João de Deus apresenta-nos a palavra *bife* como designador do natural da Grã Bretanha neste passo da sátira *Mal de pés*:

Mostrou-se logo o *bife* icommodado
Fungando para um e outro lado... (1).

O tomar-se o bife como designador dos naturais de Inglaterra, prova quanto êsse prato tem a simpatia britânica.

(1) *Campo de Flores*, 4.^a ed., pág. 40.

A palavra *gentleman* é também das que tem valor etnopsicológico. Adolfo Coelho, no estudo publicado na *Portugalia* sob o título *Pedagogia do povo português*, e em que a confronta com outros vocábulos e expressões tradutoras dos ideais cívicos de vários povos: com o vocábulo espanhol *hidalgo*, todo sobrançeria cavalheirosa; com o vocábulo italiano — *galantuomo*, todo gosto artístico; com a expressão alemã *rechts-geschaffene Mann*, toda rectidão moral; com a expressão francesa — *homme d'esprit*, toda engenhosa mobilidade intelectual; com a nacional *português velho*, toda embuida de lealdade, coerência e rudeza, e de que uma quintilha de Sá de Miranda é porventura a melhor definição:

Homem dum só parecer,
Dum só rosto e d'ũa fé
Dantes quebrar que volver,
Outra cousa pode ser,
Mas de corte homem não é (1).

Adolfo Coelho — dizíamos — observou o seguinte:

«O inglês tem no *gentleman* o ideal a que aspira a sua educação. As boas e finas maneiras são apenas o lado externo do *gentleman*. Deve notar-se que a amabilidade d'elle é reflectida e só surge verdadeiramente quando o gelo da reserva inicial das relações se quebrou. Mas, pelo lado interno, o *gentleman* ha-de ter a capacidade do *self-help*, ser confiado em si próprio, ser independente, do *self-gouvernement*, de se dirigir a si próprio, em que entra o poder de inibição, que lhe faz dominar os impulsos irreflectidos; distingue-se pelo *humour*, que o leva a achar contrastes cómicos, as fantasias originaes, os apodos causticos, não raro sem a medida dum delicado senso esthetico, com mais força que graça (*vide* Ho-

(1) Ed. de Carolina Michaëlis, pág. 192.

gart, na pintura, Swift na literatura) caindo muitas vezes no paradoxo, e indo na acção até á exquiritice — *excentricity*. Isso não é apenas o resultado dum temperamento herdado, mas em grande parte o produto da educação. *To be honourable, to have comfort*, são, pelo aspecto moral e pelo aspecto material, as aspirações do inglês: a boa educação deve pois collocar os novos nas condições de serem *honourable*, de serem perfeitos *gentlemen* e de terem *comfort*. Este consiste sem duvida em meios materiaes, mas que são também instrumentos de cultura esthetico-intellectual, e condição da verdadeira firmeza moral: o inglês sabe tão bem que efeito depressivo tem nas almas a miseria como Theognis, que já no vi seculo antes de Christo fallara nesse efeito» (1).

Também as locuções inglesas que transitaram para o portuguez permitem certas observações de natureza psíquica: em *all right!* está o risonho aprazimento que ao anglo sa-xão dá a hora presente, como em *for ever!* está a sua inabalável confiança na eternidade das coisas britânicas.

Por vezes existe neste domínio das palavras e expressões etnopsicológicamente significativas a idea estrangeira sem termo estrangeiro, pelo que se torna necessário adjectivar o termo nacional com o epíteto gentilico correspondente. É o que acontece com pontualidade, que só tendo palavra designadora portuguesa, é no entanto na sua modalidade rigorosa ou exacta, coisa inglesa para nós. Inda que a etimologia do vocábulo pontualidade nos indique rigor e exactidão a verdade é que elle perdeu — porque os portugueses não têm essas virtudes — tais matizes significativos, tendo nós de recorrer, para os traduzir, a expressões em que a referida palavra entra adjectivada: *É duma pontualidade inglesa*.

Eugénio de Castro pôs mesmo esta idea em arte na *Canção do velho relógio inglês*, inserta no formoso livro — *Can-*

(1) I, pág. 223.

ções desta negra vida, que viu a luz em Coimbra em 1922. Trazido para Portugal um belo relógio londrino — todo exactidão :

Quem me fez um homem loiro,
Sendo inglês e relojoeiro,
Quis fazer-me, mais que tudo,
Pautado, justo e certo (1)

passou a andar à doida, ora adiantando, ora atrasando :

Eu relógio, antigamente
Modelo de exactidão,
Umas vezes corro á doida,
Outras paro sem razão.

Por mais que queiram curar-me
Ninguém me cura ou melhora :
Dou dez horas ao meio dia,
E á meia-noite uma hora (2).

— volta-face que afinal se explica pelo contágio das manhas e defeitos portugueses :

Trazido p'ra esta terra
De loucuras e beleza,
Faço loucuras e canto
Como a gente portuguesa (3).

Nem só, porém, para o lado inglês os anglicismos permitem que se tirem conclusões psicológicas. Também é possível tirá-los para o lado português. Palavra que nos veio de Inglaterra traduz bastantes vezes uma idea ou uma coisa que não tínhamos — pelo menos na modalidade britânica. O domínio desportivo basta para fazer neste particular algumas observações curiosas — e considerando mesmo, através do

(1) Pág. 107.

(2) Pág. 112.

(3) Pág. 113.

grau de adaptação dos termos britânicos respectivos, a simpatia que merecem aos portugueses determinados desportos. Estes têm no geral nomenclatura técnica britânica, porém nuns casos inda intacta e noutros adaptada por acomodação fonética ao idioma, ou mesmo — e é o máximo da nacionalização do desporto — por tradução mais ou menos livre. Assim a nomenclatura do *lawn-tennis* é integralmente britânica — o que prova que o desporto não tem a simpatia ou adesão geral: mantém-se acantado ou restricto a certa classe — a mais rica e afidalgada.

Mas há outros desportos em que os termos estão não só adaptados como traduzidos: é o caso de *foot-ball*, jogo para titulo do qual o jornal lisboeta *A Época*, lançou com êxito o vocábulo *pedibola*, contra-paralelo ao espanhol *balómpie*. Também *match* é normalmente chamado desafio e *refree* juiz de campo. O termo *goal* encontra-se ou adaptado em *golo*, na designação oral popular, ou traduzido por guarda-rede. Os *backs* são freqüentemente chamados *defesas*, e os *half-backs* — *centros*, *meios centros* e *pontas*. E isto é perfeito indicador da nacionalização do jogo — o que aliás é natural visto que ele se casa muito bem com a nossa índole abrutada, além de que possui certa tradição, como mostrou num estudo intitulado: *A história dos exercícios fisicos na sua relação com o desenvolvimento moral* o Dr. Adolfo Coelho:

«As diversas formas dos jogos da bola e da pela estacionaram ou degeneraram entre nós e por isso nos voltam agora com desenvolvimentos novos e nomes ingleses. O jogo da bola era tão prezado no começo do século xvi que D. Manuel impôs pesada multa a quem o jogasse ao domingo ou dia de festa antes da missa, assim como a todo o official mecânico ou homem de trabalho que na côrte ou em Lisboa o jogam em qualquer outro dia (Alvará de 8 de Julho de 1521)» (1).

(1) *Arquivos da Universidade de Lisboa*, II, 1915, pág. 198.

A nacionalização lingüística confirma assim, o aliás por muitos modos manifesto, gôsto do português por êste desporto, que na sua forma actual importada de jôgo violento de países frios e disciplinados, exige da medicina — e da escolar muito especialmente — para se não tornar um dos maiores factores de miséria orgânica, a fixação do seu uso entre nós dentro de normas que atendam a um tempo ao feitio explosivo do povo, à constituição fisiológica individual, às condições climáticas diversíssimas das da Inglaterra, no que respeita ao regime das estações e até ao da própria temperatura diurna.

Há então em uso entre nós locuções particularmente tradutoras dos interesses da hora presente. O tradicional *estar a leste*, dos bons tempos náuticos, e em que se visionava, como em tantas outras metáforas do mar, tôda a nossa epopeia dos descobrimentos, foi desbancado pelo *estar of side*, expressão trazida do pedibolismo; como as antigas frases estereotipadas: *estar entre a espada e a parede*, *estar entre a cruz e a caldeirinha*, evocadoras de cavalarias e de religiosidades, foram destronadas pela expressão boxística — que abre apenas vielescos panoramas de narizes esmurrados — *estar knock-out*.

Podia ainda notar-se que poucos vocábulos ingleses importados são do mundo intelectual — não que não haja pensadores na Inglaterra, mas porque não é nesse campo que ela mais se assinala e porque poucas são as relações de natureza espiritual que com ela temos ou tivemos. No entanto inda é possível encontrar entre nós alguns termos exportados por êsse país — porém titulando ideas ou aspectos que lhe não são exclusivos. Tal o caso de *eufuismo*, do inglês *euphuism*, formado com elementos helénicos, e que designou certa affectação de linguagem que foi moda em Inglaterra no tempo da rainha Isabel, e que é qualquer coisa como o «preciosismo» francês, ou o «gongorismo» espanhol.

E semelhante a este inda o caso de *truismo*, do inglês *truism*, em que entra o elemento germânico *true*, e com que se designa correntemente em filosofia uma verdade evidentíssima ou pleonástica. Para a chegada até nós de um e outro vocábulo deve ter contribuído o francês, que os tem também nas formas *euphuïsme* e *truïsme*.

As vezes a criação de sentido novo de um vocábulo e a formação de derivados desse vocábulo são também anglicismos de ordem intelectual. Tais os casos de *ensaio*, *ensaísta*, que hoje se empregam no domínio literário por influência do inglês *essay*, *essayist*, — e também do francês *essai*, *essayiste*.

Outras observações era possível fazer, sobretudo no campo metonímico. Vê-se que os nomes próprios ingleses que passam a comuns se tornam normalmente designadores de coisas materiais: tal, por exemplo, o caso de *tilbury*, do nome do inventor da carruagem assim chamada hoje. No campo espiritual rareia este tipo de metonímias. Uma há no entanto notável, provinda do mundo das letras — e em que aliás se contém todo o espírito de iniciativa e de autogoverno característico do anglo-saxão: é Robinson Crusoe, protagonista — e também título — de um romance célebre que Daniel Foe escreveu no século XVIII, e que se tornou o símbolo da Aventura, por lograr, numa ilha deserta, suficiência de meios de vida e até relativa felicidade.

Podia observar-se mais que também no domínio da locução a ciência, como a literatura, dão pouco: é o mundo do comércio e do desporto o mais pródigo. Pertencem a este último, por exemplo, expressões como *walk-over* e *broken-down*, uma designando certa corrida, e outra certos cavalos de corrida. Também, no entanto, há expressões do mundo científico e literário: pertence ao primeiro *struggle for life*, que Darwin popularizou; e ao segundo as palavras irónicas de Shakespeare no *Othello*: *honest Yago*, e que se

aplicam freqüentemente, por eufemismo, a qualquer scelerado.

Coisa paralela ao que se acaba de verificar com palavras e locuções importadas do inglês se nota com as próprias frases. Também estas são mais abundantes nos domínios práticos que nos espirituais. São exemplos do primeiro campo: *the righth man in te righth place*, que fotografa a admiravel administração da Grã-Bretanha e *last not least*, que reflecte a sua aprumada e calma pragmática. São exemplos do segundo — e ainda reveladores de que Shakespearé é o autor máximo da Inglaterra — *much ado about nothing*, que é título de uma comédia dêste extraordinário dramaturgo e *to be or not to be* e *that is the question*, frases que se sucedem em certo empolgante monólogo dessa genial criação que é o *Hamlet*.

Da importância que tem para o lingüista e para o historiador as importações dos idiomas estrangeiros apercebeu-se bem o filólogo dinamarquês Nyrop, que a propósito do francês notou o seguinte:

«O estudo das palavras importadas não apresenta somente interesse filológico: por trás de cada palavra introduzida no idioma esconde-se um problema histórico respeitante à cultura francesa. As importações representam lacunas e as formas porque estas foram preenchidas atestam a influencia exercida na França pelos povos a que ela pediu os novos vocabulos» (1).

Outros meios de avaliar a influencia inglesa há ainda no campo filológico. Seria um, por exemplo, constituido pelo estudo das traduções feitas em Portugal de obras inglesas maiores e menores. Escritores e filólogos portugueses têm feito traduções de obras literárias inglesas. Shakespearé, por exemplo, tem sido largamente traduzido entre nós prin-

(1) *Obra cit.*, I, § 20, 7.º nota.

cialmente pelos primeiros. Cito dois exemplos, ambos enriquecidos por notas apreciáveis: um, de Castilho com, o *Sonho duma noite de S. João*, obra vinda a lume no Pôrto em 1875; outro, de Bulhão Pato, com o *Mercador de Veneza*, obra vinda a lume em Lisboa em 1881.

De tradução feita por filólogo serve de tipo a tragédia *Julius Caesar*, também de Shakespeare, e que o professor Luís Cardim, da Faculdade de Letras da Universidade do Pôrto, nos deu, nesta mesma cidade, em 1925, enriquecida de notas eruditas e perspicazes.

Quanto a selectas inglesas para uso de portugueses, que são também excelente meio de avaliar a influência da Grã-Bretanha sobre o nosso país, alguma coisa haveria também que citar. Aponto apenas a obra de maior primor que nêsse género appareceu em Portugal — e que é a *Selecta de autores ingleses*, de Gonçalves Viana & Berkeley Cotter, vinda a lume em 1897, em Lisboa. Contém êste esplêndido livro quinhentos trechos dos melhores escritores ingleses e americanos, que, formando um curso de literatura exemplificada, ministram noções curiosas — históricas, geográficas e sociais — sobre os dois países, não se esquecendo sequer os autores da colectânea de incluir nela também textos sobre Portugal, e das mais autorizadas penas britânicas. É ainda esta obra enriquecida com apreciáveis notas filológicas — aliás de utilidade igual para ingleses e portugueses.

Outro meio de avaliar a influência ânglica é constituído pelo estudo das gramáticas escritas em português para o estudo da língua inglesa, — e que são em maior número do que poderia supôr-se. Há-as editadas em Portugal e fora do país. Um exemplo do segundo tipo é a *Gramatica da lingua ingleza*, por Thomas Dilwasth, editada em Londres em 1775.

A melhor gramática que até hoje se publicou em português para o estudo do inglês é a de Júlio Moreira, a qual en-

tre 1880 e 1907 teve no Pôrto seis edições, e que só teve paralelos entre nós com as gramáticas de Epifânio Dias — traduções, adaptações e obras originais parcial ou totalmente: a *Gramática latina*, de Madwig, a *Gramática da lingua francesa*, com colaboração de Von Hafe, e a *Gramática da lingua portuguesa*.

Além de gramáticas tem-se publicado guias de conversação, dicionários, e vocabulários de palavras e frases, e só ingleses-portugueses ou do primeiro destes idiomas, com outros europeus e o nosso. Um exemplo — já de certa antiguidade — é o *Vocabulário das palavras e frases familiares das línguas inglesa, espanhola e portuguesa* que se publicou em Lisboa em 1810.

É claro que nós portugueses não estudamos o inglês sem reciprocidade. Também os ingleses têm as suas gramáticas e dicionários do português, dando-se até freqüentemente a circunstância de a mesma obra ter os dois aspectos — anglo-português e português-ânglico.

É exemplo de uma gramática só para estudo do português — *A new portuguese grammar in four parts*, de António Vieira Transtagano, e que em Londres teve várias edições pelo comêço do século XIX. É exemplo de gramática para o estudo recíproco dos dois idiomas a seguinte obra — *Gramática nova inglesa e portuguesa e portuguesa inglesa* publicada em Londres por J. Castro, em 1751.

É claro que a nossa produção em gramáticas inglesas, e sobretudo de traduções de obras ânglicas, é mínima em relação à produção correspondente francesa, se bem que já seja singularmente apreciável em relação à de outros países românicos, a Espanha e a Itália mesmo, que outrora exerceram sobre as nossas letras considerável acção. Como Eça de Queiroz pôs em relêvo no romance *Os Maias*, e no artigo *O francesismo das Últimas páginas*, em Portugal desconhe-

ce-se a literatura inglesa. Um passo exemplificador dêste artigo:

«A literatura inglesa, incomparavelmente mais rica, mais viva, mais forte e mais original que a da França, é tão ignorada, apesar de geralmente se saber inglês, como nos tempos remotos em que vinte longos e laboriosos dias eram necessários para ir de Lisboa a Londres» (1).

De algum modo nos compensam dêste desconhecimento das letras inglesas certas investigações dos nossos especialistas. Tal o caso da importantíssima memória que o ilustre Professor da Faculdade de Letras de Lisboa — Dr. Gustavo Ramos apresentou à Academia das Ciências, com o título *Sobre três tragédias inglesas com motivos portugueses*, e que foi publicada em Coimbra em 1920.

Antes de concluir êste trabalho uma observação convém: também a língua portuguesa tem dado alguma coisa à inglesa. Há um certo número de vocábulos britânicos que são de origem portuguesa — e ainda por sua vez chegados àquele idioma por via do francês. São essencialmente vocábulos nossos originários — ou seja de radical latino — e vocábulos de origem arábica e indica que as invasões que sofremos ou as conquistas que realizamos incorporaram no português.

Três exemplos — e sumariamente apresentados:

1) *mandarin*, de *mandarim*, termo oriental que, por etimologia popular, se tem crido formado do verbo mandar mais o sufixo — *im*, semelhantemente a *estarim*, de *estar* mais — *im*. Em francês existe a mesma forma — *mandarin*.

2) *cobra*, do português *cobra*, que representa o latim *colubra*, através de *colobra* e *coobra*, e designa certo reptil venenoso. Em francês o vocábulo tem a mesma forma *cobra*.

(1) Pôrto, 1917, pág. 487.

3) *palanquin*, termo oriental, sinónimo de *andor* ou *machila*. Também no francês o vocábulo tem a forma *palanquin*.

Podia igualmente observar-se que demos ao inglês vocábulos de particular valor histórico e mesmo psicológico. Tal o caso de *auto-da-fé*, que em inglês existe ao lado de *auto de-fé*, — se bem que a Espanha deva também, nesta última forma, quinhoar das glórias da exportação. Em francês há também o termo composto *auto-da-fé*, de origem exclusivamente portuguesa.

A atestar, e mais incisivamente que os factos anteriores, que a Inglaterra — paralelamente ao que acontece connosco em relação a ela — não importa directamente do português, mas através do francês, estão os vocábulos *fetish* e *baya-deer*, em francês *fétiche* e *bayadère*, e em português — esquece-o muita gente culta e outra que presume disso — *feitiço*, e *bailadeira* ou *balhadeira*.

Só muito raramente se deve ter produzido na Grã-Bretanha a importação do português por via directa. Um exemplo dá-no-lo, no entanto, *moidore*, adaptação fonética da expressão *moeda de ouro*.

E ainda mais duas observações cumprem: uma de ordem geral, outra de ordem especial.

Primeira — de ordem geral:

Na nossa época os idiomas participam da vida uns dos outros — e cada vez mais: quem fala uma língua própria fala também um pouco a alheia — nas importações vocabulares, nas locuções transvasadas, nos boleios sintácticos sorrateiramente introduzidos, nas acomodações semânticas das palavras nacionais às estrangeiras formalmente correspondentes.

Segunda — de ordem especial:

A língua portuguesa, na penúria do que dá às outras e no excesso do que a elas vai buscar — chega-se entre nós,

e no campo da arte, ao ponto de encadear estrangeirismos, tornando-os explicativos ou definidores uns dos outros, como na brêjeira quadra de Augusto Gil, no *Canto da Cigarra*:

Passou um *dandy*, um *snob*,
Nas janelas pequeninas
Dos teus olhos as meninas
Acenaram-lhe pst! sobe (1).

— reflecte nítidamente aquele desequilíbrio que caracteriza a balança económica: uma importação máxima contra uma exportação mínima. E assim deve ser aliás — porquanto um idioma é sempre, não apenas um organismo vivo, mas um organismo que traduz — e com todo o rigor, para quem saiba interpretar-lhe os segredos — a mesma vida ambiente.

Em conclusão:

Creemos ter realizado — bem sabemos que com insuficiência e desfulgor — o nosso objectivo: mostrar os aspectos essenciais da influência do inglês sobre o português e pôr em foco que o veículo maior dessa influência era o francês, que aliás é também o intermediário quando se invertem os sentidos do movimento, e o idioma comumente influente passa a influído. E por bem pagos nos daríamos do esforço dispendido se o presente estudo lograsse chamar a atenção dos conhecedores da filologia portuguesa e germânica para cada um dos vários problemas que apontamos — e que só podem ter solução exacta ou definitiva quando se encarem todos os factos do mesmo tipo que a língua apresenta.

João da Silva Correia.

(1) 4.ª ed. pág. 23.